



Coreografia(s) da escola: experiências móveis entre o corpo e a cadeira

Palavras-Chave: Coreografia, Espaço escolar, Pensamento sentado

Autoras:

Láís Julie Brasil Breyton, IA – Unicamp
Prof^a. Dr^a. Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra), IA- Unicamp

INTRODUÇÃO:

Uma definição comum para a palavra coreografia, oferecida pelo dicionário Oxford (2010), *é a arte de dançar e/ou a arte de escrever danças no papel*; estas funcionam como um ato comum de organizar padrões de movimento. Este conceito passa por transformações epistemológicas que a ampliam de um entendimento como seqüências pré estabelecidas de movimentos dançados escritos no papel, para uma função perceptiva que dá forma a movimentos em um espaço-tempo estruturado por humanos e/ou não humanos. Isso significa que movimentos organizados em uma direção, ou em um espaço, ou em tempo, ou entre inúmeros outros aspectos que podem ser estruturadores de um plano cinético de algo ou alguém, cabem no grande escopo da noção de coreografia.

Podemos tomar como exemplo, uma possível estruturação coreográfica que você, leitor, estabelece agora: em postura sentada, provavelmente com a parte torácica e lombar da coluna apoiada no encosto da cadeira; com um ou dois pés apoiados no chão; e, lendo por uma tela, há uma micro-dança feita pelos seus olhos que vão de uma ponta a outra destas linhas escritas; há uma gestualidade específica feita com o dedo indicador para rolar com o scroll do *mouse* ou do *mousepad* para as próximas páginas do texto. E, de tempos em tempos, o desconforto com a posição sentada aumenta, e você ajusta a posição na cadeira.

Nesta relação coreográfica de ajustes, confortos e desconfortos com a cadeira que esta pesquisa tem como objetivo investigar o conceito expandido de coreografia no espaço escolar, coletando possíveis experiências móveis na relação com o objeto cadeira. Esta pesquisa, desenvolvida inicialmente no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Unicamp), entre 2023 e 2024, vem se desdobrando em diferentes ações práticas e artísticas.

O filósofo Giorgio Agamben (2009), interessado na capacidade dos objetos em funcionarem como instrumento de controle, argumenta acerca do conceito de *dispositivo* (a partir de Foucault) como um aparato capaz de capturar gestos, controle da mobilidade, intenções e inclinações corporais. Para ele, o mundo como o conhecemos e, particularmente, o mundo contemporâneo, é dividido em dois grandes domínios: *organismos vivos* de um lado, e *dispositivos* de outro; e, a partir do encontro entre essas duas esferas, surge um terceiro elemento: a *subjetividade*.

É na relação entre corpos e objetos, entre a maneira pela qual somos orientados e orientamos os objetos ao nosso redor que encontramos uma série de gestos e modos de agir. Na escola, as filas, fileiras, números, grades, pilastras, carteiras, o controle do tempo, do espaço, dos movimentos e os anos gastos para nos ensinar a sentar e

permanecer sentado agenciam estruturas cinéticas de corpos e gestos no cotidiano escolar, ou seja, criam uma coreografia da e para a escola:

Deve-se manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para a frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão, a menos que o alcance da vista não o permita; a perna esquerda deve ficar um pouco mais avançada que a direita, sob a mesa. Deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez, mas nada é mais nocivo à saúde que contrair o hábito de apoiar o estômago contra a mesa; a parte do braço esquerdo, do cotovelo até à mão, deve ser colocada sobre a mesa. O braço direito deve estar afastado do corpo cerca de três dedos, e sair aproximadamente cinco dedos da mesa, sobre a qual deve apoiar ligeiramente. (Foucault, 2014, p. 138)

METODOLOGIA:

Na pesquisa, de caráter prático-teórico e qualitativo, foram realizadas leituras e sistematização de um conjunto de bibliografias selecionadas em torno dos conceitos-chave: *coreografia* (Lepecki, 2010; 2011; Moraes, 2019; Foster, 2011), *espaço escolar* (Foucault, 2014; Masschelein, 2015; Silva, 1994) e *pensamento sentado* (Baitello, 2012; Fernandes, 2017; Ribeiro, 1997; Costas, 2014).

Ao longo do percurso da pesquisa, foram realizados laboratórios artísticos que investigavam os conceitos estudados no e com o corpo, com objetivo de elaborar outras formas de problematização e comunicação para além da escrita e do corpo sentado. Nos laboratórios foi possível experimentar diferentes usos de composições coreográficas no espaço utilizando cadeiras em círculos, em fileiras ou dispostas aleatoriamente como ativadoras de diferentes estados de presença em ações como ler, escrever e refletir sobre o tema. Junto a isto, exploramos os diferentes usos da cadeira e as séries de ajustes posturais de desconfortos com a posição sentada. Algumas orientações foram feitas nos laboratórios e pudemos experimentar outros modos de discutir a pesquisa, através das perguntas no corpo e nas composições com o objeto no espaço.



Figura 1 - Registros de um laboratório artístico

O caminho metodológico desta pesquisa apoiou-se na concepção da *Prática como Pesquisa*, em que a prática é entendida não como simples objeto de estudo, mas como o horizonte de conhecimento por meio do corpo e do fazer artístico (Geraldini, 2019). A partir do primeiro semestre de 2024, participei dos encontros mensais do grupo onde pude conhecer mais de perto algumas pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC/Unicamp) e ampliar meus horizontes sobre modos de se pesquisar em artes, principalmente, pelo fazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como primeiro resultado de pesquisa houve a publicação de um capítulo de livro, intitulado, *Experiências móveis no espaço escolar* no livro *Em Defesa da Escola: desafios das artes cênicas na educação básica* (2024), organizado pela Prof^ª Dr^ª Maria Lúcia Pupo e Verônica Veloso, junto ao Grupo de Pesquisa em Pedagogia das

Artes Cênicas (GPPAC), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (ECA/USP). O texto traz alguns apontamentos sobre o conceito de coreografia na escola a partir, de um lado, acerca do controle disciplinar e, de outro, das múltiplas coreografias inventadas neste espaço.

Além disso, com apoio do FAEPEX, foi realizada uma visita técnica à exposição *PEDAGOGIA: Ocupação artística de Paulo Nazareth (2024)*, sediada na Faculdade de Educação da UFMG. Reunindo obras do artista Paulo Nazareth, a exposição se interessou por evidenciar outras formas de ensinar e aprender dentro do espaço escolar, convidando o público a pensar nos potenciais e limites deste espaço. O título da exposição tinha como objetivo homenagear não só o curso ofertado pela FaE, mas também as diversas pedagogias exercidas na formação do indivíduo, explorando a potência dos processos de ensino dentro e fora da sala de aula.



Figuras 2 e 3 - À esquerda a obra *Sobrecarga* e a direita a obra *Espiral* (2024)

Durante a visita à exposição foi possível compartilhar alguns estudos de composição realizados nos laboratórios artísticos desta pesquisa; esta ação foi aberta ao público e aconteceu dentro de duas obras da exposição: *Quase aula* e *Espiral*. Na experiência-performativa, intitulada *Coreografia(s) da escola*, buscamos experimentar diferentes usos de composições coreográficas no espaço utilizando cadeiras em círculos, em fileiras ou dispostas aleatoriamente como ativadoras de diferentes estados de estudo no e com o corpo em movimento. Junto a isto, exploramos os diferentes usos da cadeira e as séries de ajustes posturais de desconfortos com a posição sentada.



Figura 4 - Início da experiência-performativa na obra *Quase aula*



Figura 5 e 6: Investigação performativa de composição com as cadeiras

A experiência-performativa aconteceu junto a uma turma de trinta alunas da Pedagogia ministrada pela Profª Drª Daniele Sá e permitiu mobilizar no corpo modos como nos relacionamos com a cadeira frequentemente em nossa vida escolar: seja na relação do corpo na posição sentada e seus desconfortos posturais, seja na espacialidade que as cadeiras ocupam dentro de espaços educacionais. Investigar a partir do corpo, que por vezes é esquecido em detrimento de uma atenção da mente, é retomar uma relação entre objetos como agente de uma exploração corporificada e, talvez, até dançada.

Um segundo compartilhamento performativo da pesquisa com as cadeiras foi realizado junto a uma turma de sessenta estudantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProfIS) da Unicamp, no primeiro semestre de 2025. Neste contexto, como uma continuidade dos processos práticos e artísticos da pesquisa, experimentamos uma espécie de dança das cadeiras com nossos corpos no espaço.



Figura 7: Exploração com as cadeiras, PROFIS

A proposta, longe de seguir as regras tradicionais da brincadeira, instigava os participantes a explorar o movimento e a relação do corpo mediadas pelas cadeiras, um objeto tão frequente no cotidiano desses estudantes; apresentando-os outros modos de se relacionar com a cadeira no espaço e como compõe uma outra espacialidade para a sala de aula. O uso da cadeira nessas experiências artísticas têm em comum a capacidade de transformar a função do objeto, no espaço que ocupa, no tempo e na gestualidade; evidenciando as múltiplas possibilidades que podemos nos relacionar com a cadeira.

Destaca-se ainda o compartilhamento da pesquisa em seminários e congressos, em âmbito local e nacional, que contribuíram para o aprofundamento teórico e prático das investigações, bem como na publicação de um resumo expandido nos anais do 13º Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA/ECA/USP). Foi elaborado também um site de divulgação artística da pesquisa, onde é possível visualizar algumas imagens, citações, áudios e laboratórios práticos. Sugiro fortemente a apreciação: <https://sites.google.com/dac.unicamp.br/umacoreografiadepesquisa/page>

Atualmente, além de intencionar a publicação de um artigo em revista, a pesquisa se desdobra em um segundo projeto submetido ao PIBIC 2025-2026 na Unicamp, que tem como objetivo investigar as coreografias da Escolas Técnicas de Arte e Parque da Juventude, sediadas nos antigos pavilhões do Carandiru, para a criação de um baralho de mediação.

CONCLUSÕES:

Mesmo que as cadeiras permaneçam no espaço e que o movimento seja controlado, há uma invenção de ações e gestos que sempre encontram meios para burlar a rigidez da disciplina: sair para ir ao banheiro, caminhar pelos corredores, beber água etc. Inventa-se um cotidiano que esbarra com os controles disciplinares para criar um cotidiano real, um cotidiano que se inscreve sobre um chão de escola. Isso significa que o tempo e o espaço se

corporificam por escolhas construídas por aquela comunidade. A estrutura de organização cinética estabelecida é formada por um cotidiano escolar que está o tempo inteiro se movendo e inventa ali uma nova coreografia que tensiona os limites do controle e da disciplina. É pelo movimento, seja ele disciplinar ou não, que coreografias se estruturam no cotidiano escolar.

A transformação da relacionalidade com o objeto cadeira ao longo do percurso da pesquisa evidencia como a dança, enquanto área do conhecimento, é potente para observar, refletir e transformar a relação do corpo com a cadeira a partir da investigação em movimento. Portanto, olhar para a escola sob ótica coreográfica permite que vejamos os movimentos que acontecem neste espaço. Para Costas e Xavier (2014), existe a necessidade de uma reflexão atenta e crítica sobre as práticas de estetização escolar, sobre as quais são implicações no seu próprio olhar, percebendo o corpo em movimento não apenas como desordem, desorganização, descontrole, desconcentração, entre tantas adjetivações, mas como dizeres importantes a serem escutados para de fato se processar uma conversa, na verdade, uma percepção. A dança, neste sentido, é um campo de conhecimento potente para observar, refletir e transformar a escola a partir do e com o corpo em movimento, de forma a colecionarmos experiências móveis, isto é, experiências de movimento feitas no cotidiano da escola.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Tradução de Celso Luiz Paulini e Daniela T. Calabrone. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado:** sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

COSTAS, Ana. **Objetos para dançar.** IN: RANGEL, Lenira(Org.) Coleção Corpo em Cena Vol. 3. Editora Anadarco. 2012.

_____; XAVIER, Annamaria. Dança e a questão do corpo na escola. In: **CADERNO ARTE + EDUCAÇÃO.** São Paulo: Fundação Volkswagen e Editora Segmento, 2014.

COTTRELL, S. (org.). **Dicionário Oxford de dança.** Tradução de Márcia do Amaral Peixoto e Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GERALDI, Silvia. A prática da pesquisa e a pesquisa na prática. IN: PIZARRO, Diego **Práticas Somáticas em Dança:** Body-mind Centering em criação, pesquisa e performance. Editora IFB. Brasília. 2019.

LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. **Revista ILHA.** 2011.

_____. Planos de composição. In: **CARTOGRAFIA: Criações e Conexões.** Rumos Itaú Cultural. 2010.

MASSCHELEIN, Jan. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

MORAES, Juliana. O conceito de coreografia em transformação. **Urdimento:** Revista de Estudos em Artes Cênicas. Florianópolis. 2019.

RIBEIRO, Antonio. **Por exemplo, a cadeira:** ensaio sobre as artes do corpo. Editora Cotovia. 1997.

OCUPAÇÃO Artística Paulo Nazareth: **Caderno Convite para Docentes /** Daniele de Sá Alves (org.). Belo Horizonte, MG: Espaço Arteducação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2024.